



## Operacionalizando o Reconhecimento Transnacional: Reflexões sobre Práticas Extensionistas Dirigidas a Comunidades Migrantes

*Operationalizing Transnational Recognition:*

*Reflections on Extensionist Practices Aimed at Migrant Communities*

**Sofia Isabel Vizcarra**

**Castillo<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0001-7321-0074](https://orcid.org/0000-0001-7321-0074)

[sofia.vizcarra@ufrgs.br](mailto:sofia.vizcarra@ufrgs.br)

**Eduarda Figueiredo**

**Scheibe<sup>2</sup>**

[orcid.org/0009-0007-0240-5959](https://orcid.org/0009-0007-0240-5959)

[eduardascheibe@unisinis.br](mailto:eduardascheibe@unisinis.br)

**Nadia Barbacovi**

**Menezes<sup>2</sup>**

[orcid.org/0009-0004-1359-5215](https://orcid.org/0009-0004-1359-5215)

[nbmenezes@unisinis.br](mailto:nbmenezes@unisinis.br)

**Recebido em:** 05/07/2022.

**Aprovado em:** 24/02/2023.

**Publicado em:** 17/07/2023.

**Resumo:** O presente trabalho visa compreender, desde o paradigma do reconhecimento transnacional, como a participação de alunos em ações extensionistas contribui para uma formação que operacionalize ações transformativas para a integração de migrantes e de refugiados nas sociedades. Nesse sentido, a partir da sistematização da experiência de um projeto de cooperação técnica implementado no ano de 2020 por uma Instituição de Ensino Superior, propomos uma reflexão exploratória sobre como a participação nesses tipos de projeto permite transformar a compreensão do papel do internacionalista entre os estudantes. A interação entre discentes e migrantes, a partir da incorporação do conceito de "mêtis" nas práticas de gestão, levou ao desenvolvimento de competências de ética, cuidado e autocuidado e gestão em contextos críticos, operacionalizando ações voltadas a implementar remédios transformativos ao problema da desigualdade e do reconhecimento no marco de projetos de cooperação técnica internacional. Nesse sentido, a experiência permitiu desenvolver uma avaliação à luz de conceitos da teoria crítica sobre os modelos de gestão desses projetos, trazendo ao centro da formação o reconhecimento da diversidade de saberes e a reflexão crítica sobre práticas de *accountability* nesses contextos.

**Palavras-chave:** Migrações internacionais. Práticas transformativas. Gestão de projetos de cooperação internacional. Extensão. Reconhecimento.

**Abstract:** This paper aims to understand, within the paradigm of transnational recognition, how the participation of students in higher education extension activities may contribute to further development of their capacities in perform transformative actions for the social integration of migrants and refugees. To that end, we offer an exploratory reflection on how the participation of students in technical cooperation projects impact their understanding about the role of the internationalist, drawing on the experience of the implementation of a technical cooperation project by a Higher Education Institution. The interaction between students and migrants, through the incorporation of the concept of "mêtis", contributed to further develop students' competences in ethics, care and self-care and management in critical contexts, making possible to operationalize actions aimed at implementing transformative remedies to social inequalities and lack of recognition within the framework of technical cooperation projects. Based on this experience, and in the light of critical theory concepts, it was possible to enhance the parameters for the evaluation of international cooperation project management, bringing to notice the recognition of the diversity of knowledge and the critical inquiry on accountability practices in these contexts.

**Keywords:** International migrations. Transformative practices. Project management in international cooperation. Higher education extension. Recognition.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Porto Alegre, RS, Brasil.

## Introdução

O campo de atuação dos internacionalistas tem implicado, cada vez mais, interações com pessoas diferentes, inclusive em situações de crises complexas. Sendo assim, internacionalistas precisam tanto desenvolver competências de análise para compreender o sistema internacional quanto competências humanistas que permitam transformar o mundo marcado pela desigualdade e pela injustiça, exercendo sua profissão com responsabilidade social. A ampliação dos temas compreendidos no campo das Relações Internacionais, assim como o desenvolvimento de conceitos como o de segurança humana ou da responsabilidade de proteger, evidencia justamente essa dimensão. Porém, o desenvolvimento dessas competências se apresenta igualmente como oportunidade e desafio para a formação de internacionalistas. É precisamente nesse contexto em que se inserem as reflexões propostas no presente artigo.

A temática das migrações compõe a agenda das Relações Internacionais em múltiplas escalas e ganhou relevância no mundo contemporâneo a partir da denominada "crise migratória", entendida como deslocamentos forçados por eventos com múltiplas causas, para as quais as instituições têm tido respostas parciais e insuficientes (Betts 2013; Betts e Collier 2017). Essa é uma temática transversal, que tem como protagonistas os indivíduos, aqueles que decidem ou são forçados a sair de um país para se estabelecer em outro, e que precisa, portanto, transcender o nacionalismo metodológico na sua análise (Dongo 2019).

Na América Latina, as ações em resposta à crise migratória venezuelana, por exemplo, têm partido principalmente dos países sul-americanos, que se tornaram os maiores destinos para recepção de quase cinco milhões de migrantes (Regional Inter-Agency Coordination Platform for Refugees and Migrants from Venezuela 2021). Esses países desenvolveram iniciativas diversas, mas insuficientes diante da escala da crise (Acosta, Blouin e Freier 2019; Gandini, Rosas e Lozano-Ascencio 2020). Assim, agências internacionais e governos assinalaram a necessidade de maior

cooperação e responsabilidade compartilhada para poder garantir direitos e necessidades básicas das populações afetadas (Blouin 2019).

A resposta brasileira à crise migratória foi articulada com a participação de vários atores: inicialmente, na zona de fronteira, com a operação "Acolhida" e, posteriormente, nos diferentes estados da União, como o Rio Grande do Sul/RS, com o programa de interiorização de migrantes<sup>3</sup>. Ademais, em meio à crise sanitária causada pela pandemia de covid-19, a integração socioeconômica dessa população se tornou ainda mais desafiadora, e esses indivíduos estão entre os grupos mais impactados pela crise econômica e sanitária (Daniels 2020). Nesse sentido, formuladores de políticas, organizações públicas e privadas foram desafiados a desenvolver novas iniciativas para a integração da população imigrante. Uma das vias para implementar tais iniciativas tem sido a Cooperação Técnica Internacional (CTI), que pode contar com a participação de Instituições de Ensino Superior (IES) como parceiros implementadores, dentro de um panorama institucional que inclui ainda organismos financiadores e articuladores da cooperação.

No caso da crise venezuelana, um dos instrumentos para a implementação de projetos no Brasil foi o Programa "Oportunidades", financiado pela Agência de Desenvolvimento dos Estados Unidos (USAID). Articulado pelo sistema das Nações Unidas, por meio da Organização Internacional das Migrações (OIM), esse programa financia desde 2020 projetos que buscam viabilizar a inserção socioeconômica de imigrantes<sup>4</sup>. Esse foi o caso do Projeto Vida Migrante Empreendedora (PVME), implementado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), instituição comunitária jesuíta com atuação nos municípios de São Leopoldo e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Segundo o Ministério de Cidadania, até 31 de outubro de 2022, "Os três estados do Sul são os que mais acolheram refugiados. Para Santa Catarina foram interiorizados 16.140 venezuelanos, o Paraná recebeu 14.640 e o Rio Grande do Sul 12.805" (Brasil 2022, para. 3).

<sup>4</sup> Para maiores detalhes sobre o programa "Oportunidades", ver US Embassy (2020).

<sup>5</sup> Para maiores detalhes sobre a integralidade dos resultados do Projeto Vida Migrante Empreendedora, ver UNISINOS (n.d.).

Em um primeiro momento, fica evidente o potencial extensionista da implementação do PVME, uma vez que, conforme será detalhado, a equipe da universidade esteve composta de docentes e discentes da instituição de ensino, mobilizados com vistas a ter um impacto direto na sociedade<sup>6</sup>. Contudo, no presente artigo, buscamos refletir particularmente sobre como a implementação do PVME oportunizou também um espaço de formação para que futuros internacionalistas pudessem incorporar, na prática, valores para um exercício transformativo das relações internacionais.

Assim, o presente trabalho procura, a partir da sistematização da experiência de implementação de um projeto extensionista implementado por uma universidade, propor uma reflexão exploratória sobre a operacionalização de ações pedagógicas enquadradas no paradigma do reconhecimento transnacional (Marcelo 2021). Quanto à metodologia, as reflexões aqui apresentadas foram feitas a partir da observação participante das docentes autoras, bem como dos testemunhos das discentes que participaram de forma mais direta daquelas atividades, que permitiam maior interação com as migrantes contempladas pelo PVME. Os relatos dessa observação participante foram sistematizados nos documentos de gestão interna do projeto, assim como nos diários de retroalimentação com essas estudantes, razão pela qual optamos aqui por usar uma narração indireta deles<sup>7</sup>.

Entendemos que a participação de alunos de graduação em projetos de CTI pode contribuir na formação de futuros profissionais em práticas que promovam, ademais da integração, o reconhecimento de populações migrantes — populações

estas que, desde a perspectiva de Julio Assis de Simões e Nancy Fraser (2006), consideramos como comunidades bivalentes. Essas comunidades são “diferenciadas como coletividades tanto em virtude da estrutura econômico-política quanto da estrutura cultural-valorativa da sociedade” (Simões e Fraser 2006, 233) e, assim, precisam de respostas à sua situação em termos de reconhecimento, além de redistribuição.

Os projetos de CTI são um instrumento clássico do sistema internacional para promover redistribuição no nível transnacional. Todavia, diversos autores têm apontado que os formatos clássicos de gestão desses projetos reproduzem relações de poder desiguais e não promovem o reconhecimento dos seus beneficiários (Groves e Hinton 2004; Ika e Hodgson 2014; Saleh e Karia 2020). Nesse sentido, o objetivo deste artigo é também contribuir para avançar na reflexão sobre como práticas extensionistas operacionalizadas ou que incentivem uma perspectiva de reconhecimento transnacional (Marcelo 2021) podem contribuir para uma formação de internacionalistas com capacidade de, futuramente, também operacionalizar essas visões teóricas e transformar seu entorno e sua prática profissionais. Especificamente no caso do PVME, entendemos que o reconhecimento dessas comunidades passa pela identificação e pela incorporação na gestão dos projetos dos conhecimentos próprios, tanto formais como do seu saber fazer, conceitualizados neste artigo como “*mêtis*” (Scott 2020), que desenvolveremos nas seções posteriores.

Acreditamos que a implementação do projeto teve, pelo menos, dois tipos de resultado para a formação dos futuros internacionalistas. No plano da formação individual e social, permitiu desenvolver competências profissionais entre os alunos, alinhados com as novas tendências da prática das Relações Internacionais. No plano da reflexão acadêmica, permitiu desenvolver uma avaliação sobre os modelos de gestão de projeto de CTI, trazendo ao centro da formação o reconhecimento da diversidade de saberes e a reflexão crítica sobre práticas de *accountability* horizontal e vertical nesses contextos. Reflexão

<sup>6</sup> Esse projeto formou parte de um piloto de extensão liderado pela graduação de Relações Internacionais, mas não formou parte das ações de curricularização da extensão do curso, já que as ações de extensão começaram a ser curricularizadas a partir do semestre 2023/1.

<sup>7</sup> Os dados e as informações usados neste artigo foram produzidos no contexto da implementação do projeto “Vida Migrante Empreendedora” e estão sujeitos às disposições do contrato de implementação assinado entre a UNISINOS e a OIM no contexto do Programa Oportunidades. Assim, consideramos que a narração indireta é a melhor forma de conseguir divulgar nossos resultados respeitando essas obrigações.

que, ademais, vem sendo incorporada à sala de aula a partir da articulação desses projetos com disciplinas do curso de Relações Internacionais e que será introduzida na seção a seguir.

### As práticas transformativas na gestão de projetos de cooperação internacional

Desde os anos 1990, a literatura acadêmica vem discutindo criticamente alguns aspectos do modelo de cooperação internacional: a disponibilidade de recursos financeiros, as práticas de transparência no desenvolvimento de projetos de cooperação e as respectivas repercussões para o alcance dos objetivos. Nesse sentido, existe um amplo debate na literatura visando repensar as formas, as práticas e os modelos de cooperação com relação às suas lógicas, aos seus impactos e às relações de poder aí presentes, implícita ou explicitamente (Cohen 2013; De Haan 2009; Groves e Hinton 2004; Monje 2018). A resposta a essas críticas tem passado por diversas reformas no nível macro e micro dentro do universo da cooperação, tentando adaptar suas práticas às demandas de sociedades plurais, em ambientes complexos e em constante mudança.

Uma das discussões que dialogam com a experiência que aqui será relatada diz respeito às práticas de gestão de projetos, visando torná-las mais inclusivas e centradas na dimensão humana. Conforme apontam Groves e Hinton (2004, 5, tradução nossa), "a tradução da retórica em práticas se baseia em mudar atitudes e comportamentos dos atores e no papel da agência pessoal na criação da mudança". Nesse sentido, a mudança de práticas e, portanto, dos modelos de gestão implica uma modificação na formação dos gestores, para problematizar relações de poder e contribuir para práticas horizontais e respeitadas das relações interpessoais envolvidas na cooperação.

Essas mudanças nas práticas e na gramática utilizadas no contexto de projetos de CTI orientados a populações migrantes são particularmente relevantes para impactar a situação dessas comunidades. Como mencionado anteriormente, essas

comunidades migrantes podem ser consideradas bivalentes (Simões e Fraser 2006) em termos de remediação de injustiças. Os migrantes são, como aponta Marcelo (2021, 75), "pessoas que tiveram suas vidas transportadas a contextos nos quais elas não são primariamente sujeitos de direito", e, portanto, entendemos que são sujeitos suscetíveis de exclusão da comunidade política. Assim, desde uma perspectiva de justiça transnacional, eles são pessoas que precisam não unicamente de proteção, mas também de reconhecimento para melhoria de sua situação material, pessoal e política no momento de integração.

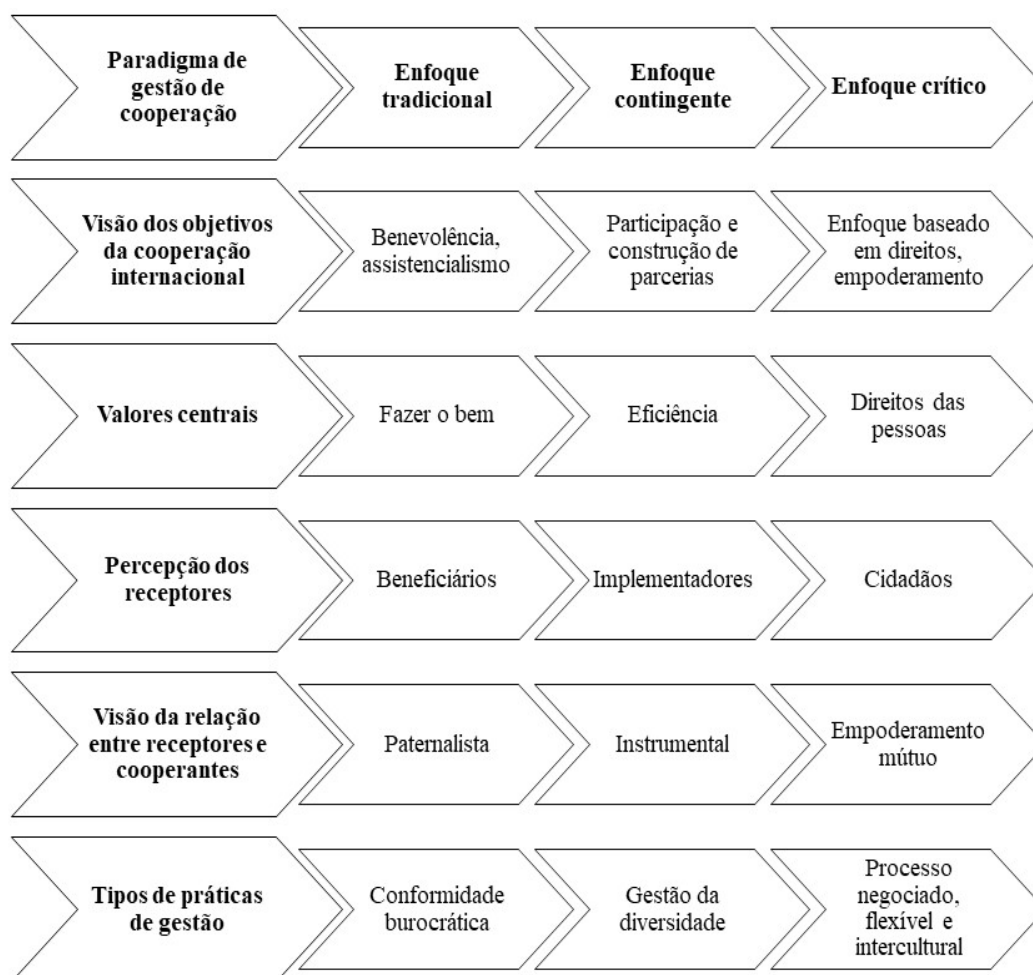
Nesse sentido, ações que promovam o reconhecimento, tanto da agência como da cidadania dos migrantes, têm sido apontadas como chave para potencializar sua integração nas sociedades de acolhida (Marcelo 2021; Ribeiro 2019; Weber e Tazreiter 2021), inclusive no Brasil (Faria, Ragnini e Brüning 2021). Mudar práticas e gramáticas de relacionamento em políticas públicas e ações internacionais, como projetos de CTI, é um passo necessário para melhorar as condições de acolhida dessas populações. Consequentemente, é também uma responsabilidade teórica e prática das universidades incorporar o desenvolvimento dessas competências de reconhecimento como parte da formação de profissionais que atuarão nessas áreas.

Para melhor identificar as mudanças às quais nos referimos, devemos retomar brevemente o debate sobre paradigmas de gestão de projetos de cooperação internacional. Seguindo a tipologia estabelecida por Ika e Hodgson (2014) com relação às metodologias de gestão da cooperação internacional, que correspondem a três visões sobre as dinâmicas de funcionamento de projetos em Relações Internacionais, podemos identificar três enfoques com prioridades e ênfases diferentes: (i) o enfoque tradicional de gestão de projetos, inspirado nos modelos de gestão da economia e da engenharia de produção, centrados na implementação de ferramentas de planejamento e gestão ("*blueprints*"); (ii) o enfoque contingente, inspirado nas análises sociológicas e antropológicas da gestão de projetos, centrados

nas pessoas; e (iii) o enfoque crítico, baseado em estudos de Ciência Política, Antropologia, Sociologia e Economia Política que se centram na desconstrução de dinâmicas de poder na

gestão dos projetos de cooperação. Na Figura 1 a seguir, apresentamos de forma sucinta as principais características desses enfoques, a partir da perspectiva dos implementadores dos projetos.

**Figura 1.** Características dos principais enfoques de gestão de projetos de cooperação técnica internacional



**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2022), com base em Ika e Hodgson (2014, 9) e Groves e Hinton (2004, 7).

Assim, quando analisamos as práticas de gestão, particularmente no Sul global, observamos que, dependendo do doador, os projetos de cooperação oscilam entre os vários enfoques apresentados. Ao mesmo tempo que as demandas técnicas e as de performance correspondentes ao enfoque tradicional continuam dominando as práticas de gestão de projetos e de prestação de contas, observamos que também existem cada vez mais demandas de enfoques participativos e de empoderamento da cidadania (Groves e Hinton 2004). Os implementadores precisam adaptar suas práticas de gestão para acomodar

essas demandas e incorporar reflexões críticas sobre sua ação, particularmente em termos de prestação de contas — ou *accountability* — na sua dimensão não financeira, muitas vezes dentro de uma margem de manobra que pode ser relativamente restrita, a depender dos condicionantes da forma como a cooperação é articulada.

A mudança de práticas de gestão implica uma alteração na visão dos implementadores sobre seu papel nos projetos de CTI, assim como no entendimento sobre a participação das populações receptoras desses projetos. Isso resulta em uma modificação nos valores e nas visões que

se tem sobre o funcionamento das dinâmicas de cooperação, o que, por sua vez, leva à reflexão sobre essas dinâmicas e à mudança na percepção da agência de todos os envolvidos, "implementadores" e "receptores", com a incorporação de um enfoque de direitos na gestão de projetos de CTI.

De fato, essa nova forma de ver demanda a adoção de um novo repertório de práticas transformativas e de uma nova gramática em direção

ao reconhecimento que permitam operacionalizar a mudança. Essa nova gramática não implica unicamente uma modificação na linguagem, mas também nos entendimentos das partes envolvidas sobre o outro e sobre si, procurando estabelecer uma relação mais horizontal e baseada no mútuo reconhecimento como cidadãos. Alguns exemplos da transformação de práticas relevantes de gestão são apresentados no Quadro 1 a seguir.

**Quadro 1.** Práticas de gestão tradicionais e transformativas na gestão de projetos de cooperação internacional

	<b>Práticas tradicionais</b>	<b>Práticas transformativas</b>
<b>Estabelecimento de objetivos</b>	Fixos	Adaptáveis
<b>Processo de gestão</b>	Predeterminado, sequencial e estandardizado	Informal, interativo e diverso
<b>Atividades principais</b>	Planejamento, monitoramento, avaliação	Reflexão, troca, aprendizado
<b>Formas de verificação de avanços</b>	Indicadores objetivamente verificáveis	Compartilhamento e avaliação em processos de revisão anual de 360 graus e reuniões de reflexão
<b>Formas de reporte da gestão</b>	Escrita e vertical	Vários formatos (verbal, vídeo, escrito etc.) e 360 graus
<b>Linguagem principal</b>	Linguagem do doador	Linguagem local
<b>Transparência</b>	Vertical	360 graus

**Fonte:** Adaptado de Owusu (2013, 129), com base nas propostas de Robert Chambers e Jethro Pettit.

Nosso entendimento é de que a demanda por práticas transformativas reflete na formação de internacionalistas. A adoção destas profissionalmente implica que os implementadores de projetos tenham disposição de se questionarem e de se sentirem abertos a serem questionados. Nesse sentido, exige uma formação diferente desses agentes, que abra espaços para a reflexividade e o aprendizado conjunto. Leva, ainda, a reconhecer o valor da diversidade, do multiculturalismo e das diversas formas de conhecimento, como veremos mais à frente, quando exploraremos especificamente a forma de reconhecimento da agência dos cidadãos receptores de CTI. Portanto, a formação de profissionais capazes de adotar

práticas transformativas evidencia a necessidade de transformação igualmente de formas de ensino para que sejam abertas a esses tipos de questionamento e ofereçam também aos estudantes de Relações Internacionais a oportunidade de refletir sobre seu papel na sociedade e como potenciais atores de projetos de CTI.

Ao mesmo tempo, a atuação em projetos extensionistas é uma oportunidade de incorporar categorias analíticas que permitam transformar as relações tradicionais nos projetos de CTI. As reflexões dos estudantes sobre práticas de cooperação e de relações de poder abrem a oportunidade de estabelecer diálogos intergeracionais e interculturais sobre essas práticas. Nesse sentido,

a incorporação de espaços de formação e de reflexão durante a implementação de projetos de CTI, assim como a sistematização das reflexões surgidas sobre o papel da universidade nesses projetos, é parte das mudanças epistêmicas necessárias para consolidar essas transformações. É como uma etapa dessa transformação epistêmica que propomos explorar algumas das lições deixadas pelo projeto PVME implementado junto a estudantes do curso de Relações Internacionais.

### O “projeto Vida Migrante Empreendedora” como espaço de formação e de transformação para os futuros internacionalistas

O projeto de cooperação PVME foi implementado entre agosto de 2020 e março de 2021 e buscou promover a integração socioprofissional

de mulheres migrantes venezuelanas no âmbito local, em um contexto de agravamento da situação socioeconômica e epidemiológica do país e do mundo. Em relação ao seu escopo, incluiu o desenvolvimento de três componentes: (i) Mapeamento do perfil socioprofissional da comunidade venezuelana migrante residente em Porto Alegre; (ii) Programa de mentorias para empreender para mulheres migrantes venezuelanas<sup>8</sup> e (iii) desenvolvimento de duas ferramentas tecnológicas para facilitar a integração socioprofissional da população migrante, mais especificamente, um *chatbot* denominado MIGRABOT e módulos de autoaprendizado on-line de português de nível básico. No quadro a seguir (Quadro 2), podemos visualizar objetivos específicos, público-alvo, metodologia de trabalho e equipe envolvida na implementação de cada um dos componentes do projeto.

**Quadro 2.** Características dos componentes do projeto extensionista

	<b>Componente 1: Mapeamento do perfil socioprofissional</b>	<b>Componente 2: Programa de mentorias</b>	<b>Componente 3: Ferramentas digitais de integração socioprofissional de migrantes</b>
<b>Objetivo</b>	Gerar conhecimento sobre a população migrante venezuelana na cidade de Porto Alegre e gerar metodologias de mapeamento em formato remoto	Formar capacidades e acompanhar mulheres migrantes na reconstrução de um projeto de vida por meio do empreendedorismo	Melhorar o acesso das comunidades migrantes hispano falantes a informações importantes (documentação, acesso a serviços etc.) e à formação básica em língua portuguesa
<b>Público-alvo</b>	Mulheres migrantes venezuelanas residentes no município de Porto Alegre	40 mulheres migrantes venezuelanas residentes no município de Porto Alegre selecionadas com base nos dados do mapeamento	Comunidades migrantes hispanofalantes no Rio Grande do Sul
<b>Metodologia de trabalho</b>	Mapeamento com pesquisa telefônica de tipo <i>survey</i> usando método de bola de neve	Aulas síncronas via aplicativos virtuais e mentorias personalizadas via aplicativos e redes sociais (WhatsApp)	Desenvolvimento de conteúdos temáticos com base na revisão de documentos oficiais e da literatura acadêmica e adequação aos formatos virtuais

<sup>8</sup> As autoras estão cientes do debate com relação ao empreendedorismo feminino e públicos vulneráveis (Gomes et al. 2014; Laval 2017), porém precisamos que essa escolha foi realizada para cumprir com as orientações previstas pelo programa OPORTUNIDADES descrito anteriormente.

	<b>Componente 1: Mapeamento do perfil socioprofissional</b>	<b>Componente 2: Programa de mentorias</b>	<b>Componente 3: Ferramentas digitais de integração socioprofissional de migrantes</b>
<b>Equipe envolvida</b>	Docentes: três professoras do curso de RI e uma professora do curso de Serviço Social Discentes: oito alunos dos cursos de RI, Serviço Social e Economia	Docentes: cinco professores do curso de RI e uma professora do curso de Serviço Social Discentes: cinco alunas dos cursos de RI e de Serviço Social	Docentes: dois professores do curso de RI e uma professora do curso de Letras Discentes: seis alunos dos cursos de RI e de Letras

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2022), com base nas informações disponíveis na página web do projeto de cooperação (UNISINOS n.d.).

A diversidade de ações compreendidas em cada um dos componentes brevemente descritos evidencia o tamanho do desafio e, ao mesmo tempo, o caráter transversal e multidisciplinar do projeto. Neste artigo, refletimos sobre os aprendizados vinculados mais especificamente ao primeiro e ao segundo componente, por serem aqueles que permitiram uma maior interação entre comunidade migrante, docentes e discentes envolvidos na implementação do projeto. Nesse sentido, descrevemos brevemente a metodologia de trabalho nesses dois componentes. Os resultados públicos de cada um estão disponíveis na página web do PVME.

O primeiro componente, de Mapeamento do perfil socioprofissional, desenvolveu ferramentas para uma pesquisa aplicada para identificar a situação familiar, profissional e avaliar as condições e os interesses das futuras participantes do Programa de mentorias. Nesse componente, nossas estudantes tiveram a oportunidade de acompanhar a elaboração e o desenvolvimento da metodologia por membros da equipe docente, experienciando teoria e prática e, além disso, auxiliando no processo de teste da entrevista-piloto. Parte da equipe discente que acompanhou o desenvolvimento da metodologia auxiliou igualmente na aplicação das entrevistas e, portanto, nos primeiros contatos diretos com as migrantes.

O segundo componente, Programa de mentorias, elaborou e implementou um programa formativo para 40 mulheres venezuelanas, visando dar-lhes ferramentas para autonomia na geração

de renda e acompanhamento na formulação de um plano de negócios, que lhes permitiu, ao final da etapa, ter acesso a um capital semente para empreender. O Programa de mentorias teve duração de 11 semanas, um total de 30 horas síncronas, 50 horas de mentorias individuais para elaboração e formalização de planos de negócios, além de oito apostilas de material de estudos e seis videotutorias.

Para o planejamento e a execução do PVME, adotou-se o entendimento de que o processo de integração da população migrante é, na prática, uma via de mão dupla, e que o sucesso do projeto dependeria não apenas do desenvolvimento de competências das participantes migrantes, mas também das competências da equipe implementadora. Nesse sentido, as práticas do projeto tiveram como ponto de partida o mútuo reconhecimento das partes envolvidas e a reflexão da posicionalidade de cada uma delas em um contexto de pandemia. Assim, buscamos promover, mesmo que de forma introdutória, enfoques mais participativos e centrados nas pessoas na gestão de projetos de CTI (Ika e Hodgson 2014), como detalhados anteriormente.

### **As lições do Projeto Vida Migrante Empreendedora como atividade formativa do curso de Relações Internacionais**

As lições apresentadas a seguir correspondem à experiência adquirida por intermédio das interações entre estudantes, receptoras do



projeto e corpo docente, compondo a equipe de trabalho, mais diretamente engajada no primeiro e no segundo componentes do PVME. De fato, acreditamos que a participação discente no projeto, conduzida desde uma perspectiva dos modelos de gestão contingente e crítico expostos anteriormente, possibilitou o desenvolvimento de competências e de práticas transformativas que favorecem o reconhecimento das comunidades migrantes, conforme buscaremos elucidar a seguir. Ademais, para além das competências desenvolvidas entre as participantes discentes, também buscamos avançar, nesta seção, em nossas reflexões sobre a prática docente.

Primeiramente, observamos que a capacidade de reconhecer a diversidade de saberes presentes nas relações entre os diferentes atores envolvidos, principalmente o "mêtis" daquelas que foram nosso "público-alvo", constituiu-se competência central desenvolvida a partir da implementação do PVME. A noção de "mêtis" é entendida como "um conjunto de habilidades práticas e inteligência adquirida nas respostas a um contexto humano e natural constantemente em mudança" (Scott 2020, 313, tradução nossa). Nesse sentido, o "mêtis" das populações migrantes é formado pela compreensão, pelo conhecimento e pelas habilidades práticas situadas localmente para se adaptar e sobreviver em um ambiente adverso e em constante mudança, como tem sido o processo de migração no contexto da crise migratória venezuelana.

Em sentido amplo, entendemos que esse "mêtis" precisa ser reconhecido e valorizado pelos parceiros implementadores de projetos de CTI para ser inserido na gestão e, dessa maneira, incorporar-se à dimensão de justiça do reconhecimento (Simões e Fraser 2006) à cooperação com vistas à integração de comunidades migrantes. Porém, como aponta o próprio Scott (2020), a dificuldade de incorporação do "mêtis" nas formas tradicionais de gestão de projetos reside no fato de que ele é dificilmente codificável, além de variável de contexto a contexto. Sendo assim, a implementação de espaços práticos de reconhecimento de "mêtis" diferentes como

parte das atividades principais do projeto torna-se fundamental para conseguir implementar práticas transformativas de reconhecimento nas Relações Internacionais.

Mais especificamente, no que tange às práticas extensionistas como ações formativas, entendemos que podem constituir-se como espaço para exercício prático de reconhecimento mútuo, por meio do diálogo e da interação oportunizados pela extensão. É ainda nesses espaços de troca que, progressivamente, torna-se possível a construção de uma nova gramática do reconhecimento (Marcelo 2021), adotando-se novos termos e novas práticas para se referir, identificar e promover as contribuições das comunidades migrantes às sociedades de acolhida.

Sobre esse aspecto, consideramos que uma das medidas adotadas no sentido de reconhecimento mútuo do "mêtis", na interação entre potenciais participantes migrantes e membros da equipe implementadora do projeto, diz respeito ao idioma adotado desde o momento das entrevistas iniciais com as migrantes. Buscou-se que a entrevista para mapeamento da situação socioprofissional das migrantes fosse feita em espanhol e que as demais comunicações ao longo da implementação do projeto fossem sempre em formato bilíngue. Mesmo que muitas das comunicações terminassem na zona afetiva do "portunhol", observamos que a adoção desse formato permitiu amenizar dificuldades de reconhecimento e de autoridade na fala que poderiam surgir em razão de fatores linguísticos. Cumpre mencionar que esse cuidado na gestão do projeto foi também fundamentado em experiências anteriores compartilhadas pela equipe docente e discente engajada no PVME. Tendo passado por situações similares em outras oportunidades, em que foi necessário se expressar em uma segunda língua e em que nos sentimos subestimadas em nossa autoridade e/ou conhecimento, pareceu-nos particularmente importante atentar para o fato de que isso poderia também ocorrer com nossas interlocutoras imigrantes.

Esse tema foi objeto, então, de discussão em uma das sessões de orientação das estudantes

bolsistas do projeto. Objetivou-se, com isso, mitigar esse sentimento para que as migrantes venezuelanas pudessem não apenas expressar suas preocupações e pontos de vista mais livremente, mas também tomar parte ativa do processo de aprendizado e de criação empreendedora, objetivos do projeto de CTI. Ainda, esse exercício permitiu que as estudantes bolsistas reconhecessem o valor prático da capacidade de expressão em uma segunda língua e suas habilidades de navegar em um contexto sociolinguístico completamente diferente. Os relatos das estudantes denotaram tanto empatia como uma visão mais abrangente do aporte e da capacidade de contribuição das comunidades migrantes, o que entendemos como ferramentas para o desenvolvimento da capacidade de reconhecimento transnacional (Marcelo 2021) e, assim, mais transformativo do que práticas tradicionais que se aproximam, como visto, de uma visão mais assistencialista.

No caso da gestão de projetos, o reconhecimento desse "mêtis" implica também reconhecer a existência de práticas múltiplas de *accountability* horizontal e vertical (Groves e Hinton 2004). Estas também são conhecidas como práticas de transparência e de avaliação de 360 graus, nas quais nossas alunas estiveram inseridas diretamente. Para tanto, buscamos incentivar considerações de cuidado e de autocuidado entre as estudantes nos momentos de interação com pessoas em situação de vulnerabilidade, tendo trabalhado esse tema em conjunto com profissionais de Serviço Social e oferecendo suporte com nossas próprias experiências em campo. Na prática, essas considerações foram destacadas em diferentes reuniões de treinamento e informação junto às estudantes que participaram das etapas de teste e de aplicação do questionário para identificação e seleção das migrantes que viriam a participar do projeto. Nessas oportunidades, abordamos, por exemplo, aspectos técnicos para a aplicação correta do questionário de mapeamento da situação socioeconômica, de forma a garantir a confiabilidade e a segurança dos dados obtidos; mas também enfatizamos

aspectos mais subjetivos, tais como possíveis situações com as quais nossas estudantes poderiam se deparar no processo de entrevista, a exemplo de falas sobre violência doméstica e relatos de precariedade.

Ademais, também no sentido de facilitar a interação e o reconhecimento mútuo e a confiança, a equipe de cinco bolsistas de graduação do projeto que interagiram mais diretamente com as mulheres migrantes foi totalmente feminina, sendo quatro delas alunas de Relações Internacionais e uma de Serviço Social, conforme exposto no Quadro 2. Dessa forma, objetivou-se ter um ambiente em que relatos de vulnerabilidade em função de gênero, por exemplo, fossem mais facilmente partilhados não apenas entre as migrantes e a equipe implementadora, mas também nos encontros periódicos entre discentes e docentes ao longo do processo de acompanhamento dessas migrantes. De maneira similar, a opção por um número relativamente reduzido de bolsistas para essas atividades em específico visou a uma maior familiaridade, confiança, atenção e *accountability* entre a equipe implementadora do componente e as beneficiárias do Programa de mentorias.

Ainda sobre esse tópico, é válido destacar que também buscamos criar uma rede de suporte mútuo entre as estudantes e as docentes participantes. Em razão da crise sanitária, todas as atividades de seleção foram executadas de forma remota, e, portanto, nossas estudantes realizaram os contatos longe do ambiente e do aparato institucional tradicional da universidade. Dessa forma, buscamos nos responsabilizar conjuntamente e prepará-las para conhecer os seus limites de exposição no momento de realização das entrevistas (práticas de autocuidado), ao mesmo tempo que buscamos sensibilizá-las para as realidades diversas com as quais elas poderiam vir a entrar em contato (práticas de cuidado). Além do caráter formativo, esse tipo de espaço e de relação também constitui uma prática transformativa da gestão de projetos de CTI, contribuindo para a construção conjunta de um espaço de monitoramento dos avanços do projeto em um contexto

flexível e adaptável às dificuldades próprias da fase de implementação da cooperação.

Ao mesmo tempo, buscamos atentar, dessa vez junto a todos os membros da equipe do PVME, para o fato de que uma comunicação transparente sobre os processos burocráticos e as responsabilidades de ambas as partes (cooperantes e participantes) é fundamental para a implementação efetiva da CTI. Para tanto, faz-se necessário reconhecer as migrantes, "público-alvo" do projeto, enquanto sujeitos críticos e capazes, colocando em prática ações que procurem construir uma gestão da cooperação internacional que promova, assim, uma justiça distributiva e do reconhecimento (Simões e Fraser 2006). Na experiência aqui analisada, entendemos a necessidade de enfatizar a importância de incentivar e de acolher as críticas e as sugestões manifestas pelas mulheres venezuelanas participantes no projeto, bem como também reforçarmos as responsabilidades delas próprias no bom encaminhamento de seus projetos de empreendimento pessoal e de acompanhamento das atividades formativas oferecidas pela universidade de forma remota.

Por fim, as lições desse projeto com relação ao paradigma do reconhecimento transnacional (Marcelo 2021) são usadas como exemplo para o ensino de práticas transformativas de gestão da cooperação internacional na disciplina de Fomento à Cooperação Técnica Internacional, permitindo, assim, impactar um maior número de alunos, que conseguem compreender esses conceitos a partir de exemplos próximos à sua realidade. Simultaneamente, tanto as atividades (in)formativas quanto a experiência vivenciada pelas estudantes têm se provado de grande valia para a incorporação de práticas de pesquisa de campo, como atribuição também da pesquisa em Relações Internacionais e como parte das atribuições de futuros profissionais internacionalistas.

Como resultado, no que tange à formação prática da equipe de estudantes, pudemos observar que as alunas que tiveram a oportunidade de estar em contato direto com as participantes do projeto também relataram ter valorizado a

oportunidade de aprender com a experiência e com a percepção crítica das participantes venezuelanas. Verificamos que, ao longo do projeto, as estudantes não apenas contemplavam as participantes do projeto extensionista como beneficiárias ou parte de uma comunidade em situação de vulnerabilidade social, mas como sujeitos ativos, críticos e distintos, de acordo com suas características e trajetórias pessoais. Tal olhar pode parecer simples, mas é fundamental para o reconhecimento da prática de implementação de projetos de CTI, e vai na linha do debate acadêmico sobre o papel emancipador da educação, desde uma perspectiva freiriana, e seu impacto na sociedade por meio da extensão, evitando um viés assistencialista (Rodrigues et al. 2013). Essa mudança na percepção das receptoras do projeto e no reconhecimento da sua agência aproxima-nos, na prática, da formação de profissionais que guiem seu acionar por um enfoque mais horizontal.

Consideramos que a mudança das percepções e das crenças individuais sobre a cooperação, sobre as características, sobre as necessidades dos agentes receptores dessas ações e sobre seus impactos serve como base para a transformação das práticas organizacionais dentro do contexto institucional da CTI. Nesse sentido, poderíamos considerar que essa mudança contribui para a implementação do que Simões e Fraser (2006) denominam "remédios transformativos" às injustiças, que procuram modificar a estrutura subjacente das injustiças, evitando o reconhecimento estigmatizante por meio da mudança de estruturas sociais e cognitivas da sociedade no seu conjunto.

Em vista disso, a criação e o desenvolvimento de atividades de extensão que insiram os estudantes de Relações Internacionais em comunidades migrantes, educativas, esportivas, entre outras, por meio das quais reconheçam a diversidade de "mêtis" presentes nos seus futuros contextos de atuação profissional, torna esses espaços não apenas desejáveis, mas necessários para a formação de internacionalistas com capacidade transformativa. A extensão, nesse sentido, cumpre uma dupla fun-

ção: por uma parte, a devolução para a sociedade do trabalho realizado dentro da universidade, e por outra, constitui-se como espaço de aprendizado daquelas práticas não formais, porém formativas para a criação de um profissional ciente do seu dever reflexivo e transformativo.

## Conclusões

Das lições da implementação do PVME, destacamos aquelas que dizem respeito à incorporação e ao reconhecimento do "mêtis" (Scott 2020) como elemento relevante para uma prática transformativa das funções do internacionalista. O "mêtis" pode tornar-se evidente na prática da convivência cotidiana entre as diferentes partes dos projetos de CTI, mas a compreensão de sua importância pode ser focalizada desde as etapas formativas dos futuros profissionais de Relações Internacionais. É, sobretudo, nesse sentido que enfatizamos a importância de projetos de extensão como criação de espaços de convivência entre os diferentes sujeitos da sociedade. A extensão torna-se, assim, exercício de reconhecimento ativo da capacidade de agência e de cidadania desses sujeitos. Esses espaços servem tanto para que a universidade impacte a sociedade na qual está inserida (Rodrigues et al. 2013) como para que a sociedade tenha um impacto direto na formação dos futuros profissionais, transformando assim suas visões e suas práticas. Ademais, entendemos que o reconhecimento do "mêtis" é parte fundamental para avançar, igualmente, na reflexão sobre a gestão de projetos de CTI destinados a comunidades migrantes desde uma perspectiva do paradigma do reconhecimento transnacional (Marcelo 2021).

Nesse sentido, diante da perspectiva da multiplicação das experiências extensionistas em universidades a partir da obrigatoriedade da curricularização da extensão, cabe-nos refletir sobre o papel dessas instituições na forma de educar em RI, engajando-nos em uma reflexão mais aprofundada sobre os trabalhos na área da Educação, particularmente desde uma perspectiva freiriana. Paralelamente, também nos coube refletir e admitir sobre como a participação, enquanto

professoras e pesquisadoras, em projetos práticos de extensão nos oportuniza, igualmente, suprir lacunas na nossa própria formação inicial. Para além de valorizar a experiência formativa para nossos estudantes, é importante refletir sobre o quanto dessa preocupação (não) nos foi endereçada enquanto éramos estudantes e nos colocar também como aprendizes do reconhecimento transnacional. Embora algumas de nós tivéssemos já experiência no trabalho com populações vulneráveis, a realidade prática do projeto contribui, certamente, para reflexões sobre a teoria com a qual tínhamos mais familiaridade e, além disso, para uma atualização sobre o papel do professor e do profissional de Relações Internacionais na sociedade. Particularmente, no caso das migrações, essa experiência nos trouxe questões com relação ao paradigma clássico de cidadania, aos questionamentos que a teoria crítica tem realizado com relação a este (Castro e Moulin 2021; Linklater 1998) e à maneira como esses espaços de CTI possuem um potencial transformativo com relação à noção de cidadania migrante, que podem ser abordadas em futuros trabalhos.

As reflexões sobre essas contribuições formativas do trabalho em projetos de cooperação nos levam, em certa medida, a extrapolar a afirmação de Scott (2020) sobre a importância da consideração do "mêtis" das migrantes na gestão de projetos. Quando nos propomos a encorajar o desenvolvimento de práticas transformativas de relações internacionais, criando e conduzindo espaços nos quais nossos estudantes podem ser (in)formados e são incentivados a participar como cocriadores dessas práticas, estamos desafiando e desenvolvendo também a nossa capacidade, assim como das instituições envolvidas em projetos de cooperação, de identificar e de reconhecer o "mêtis" do nosso interlocutor, do nosso parceiro, da nossa audiência ou do destinatário de nossas ações. Almeja-se, com isso, subverter a lógica do estigma que muitas vezes termina sendo associado a comunidades migrantes (Ribeiro 2019) e propor mudanças ontológicas na compreensão da relação da comunidade política na qual estamos inseridas.

## Referências

- Acosta, Diego, Cécile Blouin, and Luisa Freier. 2019. "La Emigración Venezolana: Respuestas Latinoamericanas – Dialnet." *Fundación Carolina* 2 (3): 1–30. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.33921.71523>.
- Betts, Alexander. 2013. "Survival Migration: Failed Governance and the Crisis of Displacement." *International Journal of Refugee Law* 27 (4): 694–97. <https://doi.org/10.1093/ijrl/eev054>.
- Betts, Alexander, and Paul Collier. 2017. *Refuge*. London: Oxford University Press.
- Blouin, Cécile. 2019. *Después de la Llegada Realidades de la Migración Venezolana*. Lima: IDEHPUCP.
- Brasil. 2022. "Operação Acolhida alcança marca de 84,4 mil venezuelanos interiorizados no Brasil." *Cidadania e Assistência Social*, 17 de outubro, 2022. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2022/10/operacao-acolhida-alcanca-marca-de-84-4-mil-venezuelanos-interiorizados-no-brasil>.
- Castro, Flávia Rodrigues, and Carolina Moulin. 2021. "Nationhood and Citizenship: From Producing States to Enacting Rights." In *Handbook on the Governance and Politics of Migration*, edited by Emma Carmel, Katharina Lenner, and Regine Paul, 36–46. Cheltenham: Edward Elgar.
- Cohen, Michael A. 2013. "Giving to Developing Countries: Controversies and Paradoxes of International Aid." *Social Research* 80 (2): 591–606. <https://doi.org/10.1353/sor.2013.0016>.
- Daniels, Joe Parkin. 2020. "Venezuelan Migrants 'Struggling to Survive' amid COVID-19." *The Lancet* 395 (10229): 1023. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30718-2](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30718-2).
- De Haan, Arjan. 2009. *How the Aid Industry Works: An Introduction to International Development*. Boulder: Kumarian Press.
- Dongo, Mayte. 2019. "Cuestionando El Nacionalismo Metodológico: Una Agenda de Investigación en el Contexto de la Migración Venezolana." *Internancia* 1–20. <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/internacia/article/view/21839/21325>.
- Faria, José Henrique, Elaine Cristina Schmitt Ragnini, and Camila Brüning. 2021. "Deslocamento Humano e Reconhecimento Social: Relações e Condições de Trabalho de Refugiados e Migrantes no Brasil." *Cadernos EBAPE.BR* 19 (2): 278–91. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200018>.
- Gandini, Luciana, Victoria Prieto Rosas, and Fernando Lozano-Ascencio. 2020. "Nuevas Movilidades en América Latina: La Migración Venezolana en Contextos de Crisis y Las Respuestas en La Región." *Cuadernos Geográficos* 59 (3): 103–21. <https://doi.org/10.30827/cuadgeo.v59i3.9294>.
- Gomes, Almiralva Ferraz, Wesley Gusmão Piau Santana, Uajará Pessoa Araújo, and Caroline Miriã Fontes Martins. 2014. "Empreendedorismo Feminino como Sujeito de Pesquisa." *Revista Brasileira de Gestão de Negócios* 16 (51): 319–42. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v16i51.1508>.
- Groves, Leslie, and Rachel Hinton. 2004. *Inclusive Aid: Changing Power and Relationships in International Development*. London: Routledge.
- Ika, Lavagnon A., and Damian Hodgson. 2014. "Learning from International Development Projects: Blending Critical Project Studies and Critical Development Studies." *International Journal of Project Management* 32 (7): 1182–96. <https://doi.org/10.1016/j.ijproman.2014.01.004>.
- Laval, Christian. 2017. "Precariedade como 'Estilo de Vida' na Era Neoliberal." *Parágrafo* 5 (1): 100–8. <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/566/500>.
- Linklater, Andrew. 1998. "Cosmopolitan Citizenship." *Citizenship Studies* 2 (1): 23–41. <https://doi.org/10.1080/13621029808420668>.
- Marcelo, Gonçalo. 2021. "Transnationalizing Recognition: A New Grammar for an Old Problem." In *Migration, Recognition and Critical Theory*, edited by Gottfried Schweiger, 71–90. Cham: Springer.
- Monje, José Antonio. 2018. "Antropología del Desarrollo y Factores Críticos para el Éxito de los Proyectos de Cooperación Internacional: El Caso de las ONGD em América Latina." *AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana* 13 (1): 93–117. <https://doi.org/10.11156/aibr.130106>.
- Owusu, Charles. 2013. "An International NGO's Staff Reflections on Power, Procedures and Relationships." In *Inclusive Aid: Changing Power and Relationships in International Development*, edited by Leslie Groves and Rachel Hinton, 126–140. London: Routledge.
- Regional Inter-Agency Coordination Platform for Refugees and Migrants from Venezuela. 2021. *Regional Refugee and Migrant Response Plan (RMRP)*. Panama City: R4V.
- Ribeiro, Joana Sousa. 2019. "From Interculturalism to Inter-Recognition: Towards an Ethico-Onto-Epistemological Approach in Migration Research." *Journal of Multicultural Discourses* 14 (1): 46–60. <https://doi.org/10.1080/17447143.2019.1566343>.
- Rodrigues, Andréia Lilian Lima, Carmen Lucia Neves do Amaral Costa, Michelle Santana Prata, Taila Beatriz Silva Batalha, and Irazano de Figueiredo Passos Neto. 2013. "Contribuições da Extensão Universitária na Sociedade." *Caderno de Graduação Ciências Humanas e Sociais* 1 (2): 141–48. <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/494>.
- Saleh, Firas Izzat Mahmoud, and Noorliza Karia. 2020. "Management for International Development and Aid Projects: A New Conceptual Model." *Nonprofit Management and Leadership* 31 (2): 373–86. <https://doi.org/10.1002/nml.21431>.
- Scott, James C. 2020. *Seeing Like a State: How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*. Durh: Yale University Press.
- Simões, Julio Assis, and Nancy Fraser. 2006. "Da Redistribuição ao Reconhecimento? Dilemas da Justiça numa Era 'Pós-Socialista'." *Cadernos de Campo* 15 (14–15): 231–39. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v15i14-15p231-239>.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos. n.d. Projeto Vida Migrante Empreendedora (website). Acesso em 22 de maio, 2023. <https://unisinis.br/vidamigrante/>.

US Embassy. 2020. "USAID e OIM anunciam um novo programa de integração de venezuelanos no Brasil." *Embaixada e Consultados dos EUA no Brasil*, 28 de janeiro, 2020. <https://br.usembassy.gov/pt/usaaid-e-oim-anunciam-um-novo-programa-de-integracao-de-venezuelanos-no-brasil-2/>.

Weber, Leanne, and Claudia Tazreiter. 2021. *Handbook of Migration and Global Justice*. Cheltenham: Edward Elgar.

---

### Sofia Isabel Vizcarra Castillo

Doutora em Sociologia pela Pontifícia Universidad Católica del Perú (PUCP), em Lima, Peru. Professora do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisadora do Grupo da Pesquisa Mundial de Valores no Brasil (WVS-Brazil) e do Grupo de Política Externa da PUCP (GIPEP-PUCP).

---

### Eduarda Figueiredo Scheibe

Mestra em Geografia e bacharela em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil. Professora do curso de graduação em Relações Internacionais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em Porto Alegre e em São Leopoldo.

---

### Nadia Barbacovi Menezes

Doutora em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora e coordenadora da graduação e da pós-graduação em Relações Internacionais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em Porto Alegre e em São Leopoldo.

*Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo e submetidos para validação da autora antes da publicação.*